

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG

EDITAL Nº 41/2023 - PRPPG
XXV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XVIII ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

“NÃO SEI, MAS SEI QUEM SABE”: VIVÊNCIAS ENQUANTO RECURSOS METODOLÓGICOS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Ermínio de Sousa Nascimento¹; Priscilla Pontes Bezerra Mendes²; Genilson da Conceição Oliveira³

¹Professor pesquisador do Curso de Filosofia - CENFLE/UVA. nascimento_ermínio@uvanet.br ; ²Professora pesquisadora do Curso de Filosofia - CENFLE/UVA. priscilla.prof@hotmail.com; ³Egresso do Curso de Filosofia - CENFLE/UVA. genilsonolive15@gmail.com

Resumo:

O presente texto considerou “vivências enquanto aporte metodológico para o ensino de filosofia e formação de professores”, enfatizando fios de lembranças tecidos por contrapontos como recurso didático para o ensino de filosofia, tendo por objetivo inventariar memórias para identificar “o quê”, “com quem” e “como” aprendemos o que acreditamos saber para pensar o ensino e aprendizagem. Isso se deu pela mobilização de experiências que foram convertidas em narrativas filosóficas, recorrendo a concepção de educação para a reflexão, operacionalizando a afirmação socrática: “Conhece-te a ti mesmo”, enquanto esforço pessoal para fazer um exame de si, de vivências, convertendo-as em conteúdos para o pensar. A máxima “Só sei que nada sei”, nesse contexto, foi modificada para: “Não sei, mas sei quem sabe” como forma de oportunizar um exame daquilo que sabemos até o instante presente e dialogar com o outro para aprender o que ainda nos é desconhecido.

Palavras-chave: Vivências, Recurso metodológico, Narrativa biográfica.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O presente resumo considera os conteúdos abordados no minicurso denominado “vivências enquanto aporte metodológico para o ensino de filosofia e formação de professores”, tendo por objetivo inventariar lembranças para enfatizar “o quê”, “com quem” e “como” aprendemos o que consideramos saber para pensar à docência em filosofia. Esse minicurso foi apresentado no III Encontro Cearense de Professores de Filosofia, em agosto de 2023, na UFCA, em Juazeiro do Norte, Ceará. Vale ressaltar que tais atividades já vem sendo desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão “Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica”, desde 2019, no Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, CE, e fez parte da minha pesquisa do Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC), em São Bernardo do Campo, SP, sob a supervisão da Profa. Dra. Patrícia Del Nero Velasco, de 31 de agosto de 2022 a 30 de agosto de 2023.

Na UFCA e na UFABC as atividades foram aplicadas nos formatos de minicurso e de oficina respectivamente, considerando uma concepção de educação para a reflexão, expressa no haicai:

Sem a educação

a mente fica demente

não faz reflexão

A sistematização dessa compreensão de educação nesses versos já se configura como um esforço do seu autor para inventariar as suas experiências formativas envolvendo as suas leituras de mundo e dos textos, sobretudo, de Theodor Adorno (1995) e Paulo Freire (1980 e 1996). Nessas obras, os pensadores enaltecem que a educação se efetiva com a participação ativa dos educandos no processo formativo, rechaçando as propostas de ensino que pretendem modelar as pessoas como receptoras de informações descontextualizadas da sua vida em sociedade.

Para dinamizar esse entendimento, em nossa proposta, os participantes são envolvidos em atividades, operacionalizando a máxima socrática: “Conhece-te a ti mesmo” para perceber que o conhecimento se inicia pelo exame de si, identificando “o quê”, e “com quem” se aprende o que considera saber. Nesse aspecto, o participante se encontra com o outro, pelo diálogo, de



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

modo que o “eu penso”, uma compreensão *solipsista*, dá lugar ao “nós pensamos”, levando-o a operacionalizar a afirmação: “Não sei, mas sei quem sabe”, transmutando a máxima atribuída à Sócrates: “Só sei que nada sei”.

Para isso, a mediação do exame de si para o diálogo com o outro, no instante presente, passe por situações postas pelo professor em que os presentes tenham, em tese, as mesmas condições de refletirem sobre ela. Das vivências das pessoas para a universalização dos conceitos conduzidas pelo método dialético, fazendo narrativas filosóficas de si, dialogando com o outro, incluindo os filósofos, poetas, músicos etc. A história da filosofia, temas filosóficos e os autores são vistos como recurso metodológico para o ensino e aprendizagem dos estudantes.

Para ilustrar como desenvolver a proposta, trabalhou-se com o texto “Comunicação” de Luís Fernando Veríssimo, enquanto orientação inicial para inventariar vivências, promover diálogo, reflexões e extrair temas geradores de outros temas que venham a ser filosóficos. Na dinâmica da atividade, os participantes usam a imaginação e os sentidos para abstrair da situação “representações” que foram unificadas na escrita que articulam as descrições do texto com as vivências refletidas dos participantes. Nesse sentido, enfatizou-se a importância da comunicação para o ensino e aprendizagem se efetivar. Para isso, aplicamos a metodologia de aprendizagem cooperativa, dividindo os participantes em grupos heterogêneos para que analisassem a situação considerando as suas vivências individuais, inicialmente, e, na sequência, refletir com as vivências dos demais participantes do seu grupo, por último, em plenária, discutir com os outros grupos. Após a aplicação dessa atividade, passa-se para o estágio de pôr questões filosóficas, convidando o outro, incluindo os filósofos, a dialogar acerca de possíveis respostas.

MATERIAL E MÉTODOS

A elaboração e aplicação da oficina: “Não sei, mas sem quem sabe” é orientada pela compreensão de que a educação não pode modelar as pessoas de fora para dentro, do seu exterior e nem se efetivar pela transmissão de conteúdos de forma descontextualizadas (ADORNO, 1995), bem como, o entendimento de que

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. [...] O que caracteriza a comunicação, enquanto esse comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. [...] Cada um, ‘põe-se diante de si mesmo’. Indaga, pergunta a si mesmo. E, quanto mais se pergunta, tanto mais sente que sua curiosidade em torno do

objeto do conhecimento não se esgota. Daí a necessidade de ampliar o diálogo – como uma fundamental estrutura do conhecimento – a outros sujeitos cognoscentes (FREIRE, 1980, p. 66-67).

Articulando a compreensão inicial de educação de Adorno (1995) com a noção de pensamento de Paulo Freire citados acima, as atividades são mediadas pela metodologia de aprendizagem cooperativa que, entre outras coisas, possibilita minimizar as dificuldades de aprendizagem que os estudantes trazem de suas casas, que se manifestam em sala de aula. Para isto, eles são levados a trabalhar em grupos heterogêneos, partilhando experiências e saberes para resolver problemas/desafios de caráter pedagógico, político, social. Vale salientar que tal metodologia se contrapõe a competitividade estimulada pela sociedade capitalista e é desenvolvida considerando o método socrático para potencializar a capacidade do questionar dos estudantes que venha favorecer o pensar filosófico. A aplicação dessa metodologia proporciona contribuições na dimensão cognitiva dos estudantes, envolvendo aprendizagem dos conteúdos de filosofia, bem como o desenvolvimento de habilidades coletivas e sociais, que possibilitam a formação da subjetividade, da autonomia deles no convívio social (cf CUSTÓDIO, 2021).

Com essa metodologia há um deslocamento da ênfase do ensino para aprendizagem, convertendo o seu caráter enciclopédico para ser uma construção constante envolvendo os atores da comunidade escolar em que a sala de aula seja um espaço de investigação ou comunidade de investigação filosófica/científica, considerando as experiências de vida, acesso à cultura e formação cultural dos estudantes, com os quais eles podem filosofar. “[...] uma das coisas mais maravilhosas da filosofia é que as pessoas de qualquer idade podem refletir sobre temas filosóficos e discuti-los de modo proveitoso” (LIPMAN, M.; OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. 1994, p. 48). Temas relevantes para a vida, tais como a “amizade”, “solidariedade”, “liberdade”, “bem”, “mal” entre outros são discutidos em pleno século XXI uma vez que ainda não se têm respostas definitivas para eles – “[...] tanto as crianças quanto os adultos podem reconhecer que ninguém ainda disse a última palavra sobre esses temas (LIPMAN, M.; OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. 1994, p. 48-49).

RESULTADO E DISCUSSÕES

A aprendizagem significativa de temas ou de questões filosóficas requer que o ensino de filosofia não seja ministrado deslocado da vida dos estudantes, do seu cotidiano. É preciso pen-



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

sar em propostas de ensino diferentes das que são voltadas apenas para a erudição, reduzindo a filosofia em ensino de história da filosofia, concebendo o estudante enquanto enciclopédia ambulante (cf GALLO, 2012). O que se busca com o ensino é mobilizar as experiências dos atores envolvidos no processo, os saberes acumulados pelas civilizações e as situações correntes no instante presente, de modo que

[...] a aprendizagem filosófica não deve começar colocando o aluno de imediato diante da diversidade de doutrinas e sistemas filosóficos. A história da filosofia ganha novo sentido quando, em lugar de apresentar-se como uma crônica do passado, passando a ser solicitada por interrogações postas no presente (RODRIGO, 2009, p. 51).

O acesso ao saber filosófico será de forma indireta, construído por processos pedagógicos envolvendo três estágios: abstração; criação e operacionalização de conceitos. Vale salientar que esses estágios acontecem simultaneamente. No entanto, prioriza-se em cada fase da vida das pessoas, considerando a maturidade intelectual do pré-adolescente/adolescente e do adulto, orientada por teóricos a exemplo de Piaget.

O desenvolvimento desses estágios, no contexto da escola enquanto espaço de investigação ou comunidade de investigação filosófica/científica, tem na metodologia de aprendizagem cooperativa, conforme o exposto acima, talvez uma aliada significativa. Com isso, não se quer limitar o processo de ensino e aprendizagem a uma única metodologia. No entanto, a escolha de qualquer metodologia deve considerar o levantamento de fatos ou situações que mobilizem os processos cognitivos dos estudantes para fazer abstrações que assegurem a construção de conceitos (universais) e suas aplicações em contextos diversos. A leitura de mundo (cf FREIRE, 1996) dos estudantes deve ser valorizada para identificar problemas do nosso cotidiano e dos textos em análises, tendo o(a) professor(a) como mediador(a) das atividades. Neste aspecto, o esforço dos atores para analisar os fatos, converte-se em conteúdos para o pensar (cf. NASCIMENTO; MENDES; OLIVEIRA, 2022).

Essa compreensão de aprendizagem se contrapõe a qualquer metodologia de ensino ou definição de educação que se proponham a modelar pessoas a partir de seu exterior, concebendo o professor como sendo o detentor do conhecimento e o estudante como mero receptor (cf. FREIRE, 1989). Seguindo essa mesma linha de raciocínio, o ensino não pode se efetivar apenas pela “[...] transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

descartada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*” (ADORNO, 1995, p. 141). Com isso, enfatiza-se a dimensão ético-política da educação para evitar a crença de que descrever os conceitos pensados por outros em diversos períodos históricos já seria o suficiente para alguém ser considerado um “pensador” (cf. NASCIMENTO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais, destaca-se que após a aplicação da oficina: “Não sei, mas sei quem sabe” com grupos em contextos diferentes, as reflexões foram positivas acerca da metodologia. Vale salientar que a dinâmica da leitura do texto: “Comunicação”, causou reações similares nos participantes na UVA e na UFABC. No âmbito do Projeto de Extensão “Sebo Cultural Itinerante: o ensino de filosofia na sociedade tecnológica” e na Disciplina de Prática de Docência II em Filosofia, no segundo semestre de 2023, na UVA, Sobral, CE, além da leitura do texto ter envolvido os participantes nas reflexões, inventariando as suas vivências; na discussão em plenária, eles unificaram as suas interpretações em temas geradores de novos temas para o debate filosófico.

Considerando que a dinâmica de grupos, aplicando a metodologia de aprendizagem cooperativa, envolvendo 18 participantes divididos em 4 equipes, em que cada um, inicialmente inventariou as suas vivências, mobilizando memórias/lembranças para analisar os motivos de terem se comportado daquela forma enquanto ouvia ou lia o texto. Nesse momento, eles se esforçaram para fazer uma escrita de si. Na sequência, houve partilhas de vivências entre os membros da equipe para uma escrita de um texto coletivo enquanto tentativa de dar unidade ao texto. Num terceiro momento, em plenária, os grupos expuseram as suas interpretações articulando vivências e os conteúdos do texto, tendo como resultado três temas: “o homem como um ser de linguagem (múltiplas linguagens)”; “o homem como um ser de memória” e “o homem como um ser circunstanciado por costumes e linguagens regionais”.

Com isso foram elaboradas algumas perguntas cujas respostas são construídas pelo diálogo dos estudantes com os especialistas no assunto, sobretudo os filósofos, poetas, músicos, educadores, psicólogos, sociólogos etc., operacionalizando a máxima: “Não sei, mas sei quem sabe”. O que significa dizer que o homem é um ser de linguagem? Como a criança se desenvolve pela aquisição da linguagem? Qual é o lugar da linguagem nas relações humanas? Como “fazer coisas com as palavras”? Por que o homem é um ser de memória? Como a memória no ins-



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

tante presente leva o homem a se relacionar com o passado para vislumbrar o futuro? Como compreender o homem de memória externa, armazenada em dispositivos tecnológicos? O que seria o homem sem a memória? É possível a efetivação do ensino e aprendizagem sem considerar os contextos socioculturais nos quais os estudantes estão inseridos? Há uma linguagem universal cujo significado dos nomes independe de regionalismo?.

Nesse estágio os estudantes inventariaram na sua formação acadêmica os autores e textos que eles estudaram até então para serem revisitados, no instante presente, no intuito de construir possíveis respostas para aquelas questões. No caso de alguém não lembrar de nenhum pensador ou texto que discuta um daqueles assuntos, a operacionalização da aprendizagem cooperativa e a afirmação “Não sei, mas sei quem sabe” serão acionadas para minimizar o problema.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CUSTÓDIO, Robson Pontes. **O ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa: uma experiência no ensino médio do IFCE Campus Caucaia- Ceará**. 2022. 179f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância de ler**. In: FREIRE, Paulo. *A importância de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LIPMAN, Mathew. OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. **Filosofia na sala de aula**. Tradução: Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1998.

MURARO, Darcísio Natal; SOUSA, Claudiney José de; CANTELLE, Lilian. Qual a contribuição do ensino de filosofia para a educação escolar? In: MURARO, Darcísio Natal; SOUSA, Claudiney José de; CANTELLE, Lilian (Orgs.) **O ensino de filosofia na educação básica: experiências de pensamento, emancipação e democracia**. Campinas, SP: Editora Alíneas, 2021.



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

NASCIMENTO, Ermínio de Sousa; MENDES, Priscilla Pontes Bezerra; OLIVEIRA, Genilson da Conceição. “Ensaio escrito em quadrinhos sobre o valor da filosofia segundo Bertrand Russell”. In: MAIA, Antônio Glaudenir Brasil; NASCIMENTO, Ermínio de Sousa; OLIVEIRA, Renato Almeida de. **Reflexões para um debate sobre ensino de filosofia e formação de professores**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

RODRIGO, L. M. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o Ensino Médio. Campinas: Autores Associados, 2009.